

*Aviso de Passagem: O Inversor* esteve no terraço do 4º andar (face ao rio) da Usina do Gasômetro, Porto Alegre, do 13 de abril ao 10 de maio 1996.

## ] ITINERÁRIO [

*O Inversor* foi apresentado anteriormente nos seguintes locais e datas:

❶ *Galerie Finnegans'*, lançamento do projeto e primeira escala, 10, 11 e 12 de dezembro 1993, Estrasburgo, França. ❷ *C.I.R.C.T. / Fondation DANAÉ*, fachada externa, 09 de julho à 18 de setembro 1994 durante o evento "Le Créer", Pouilly, França. ❸ Interferência de 24 hs na ponte do *Paseo Vicente Huidobro*, 14 de novembro 1995, Santiago, Chile.

## *O Inversor*: notas de um diário de bordo

Hélio Ferverza  
Maria Ivone Dos Santos  
1996

*O Inversor* surgiu de um encontro, uma amizade entre Maria Ivone Dos Santos, Hélio Ferverza, Marie-Anne Pouhin e Gabriel Goerger. Quatro pessoas, oito mãos, em Estrasburgo, França, onde viviam por volta de oitenta e nove, noventa. Mas, ele, o *inversor*, ainda não era reconhecível. Ele não sabia-se ainda. Começou a sê-lo em noventa e tres. Tempo ao tempo.

### A Roda

Foi aí então, que *o Inversor* surgiu de uma co-incidência. A um certo momento essas pessoas encontraram um fluxo de desejo comum: a noção de inverso. Havia a necessidade de formular uma interrogação em relação ao sentido de interpretação habitual do trabalho artístico. Orientar os olhares para desenvolver um procedimento que instigasse a ter um outro olhar sobre o trabalho de cada um, utilizando o *aberto*

que o encontro propiciava, para melhor colocar em evidência as questões: O que está por detrás da obra? O que acontece se nós voltamos, ou retraçamos nossos passos até o *cruzamento dos caminhos*?

A noção de inverso constituía-se à medida em que desenvolvia-se um *projeto de cartaz*. Desde então, este problematiza o **lugar de exposição**.

## Frequência

Todos trabalhamos a partir de imagens fotográficas realizadas por nós mesmos. Sendo assim, cada um necessitava do **outro** para poder realizar o que havia concebido como imagem. Todos trabalhamos com fotos do corpo em relação à um objeto (coincidência e pequeno jogo).

A partir das imagens, de sua composição e de algumas interferências foram impressos os 1000 cartazes em off-set.

## O Norte

Dizer que as idéias estão no ar , é talvez perceber a espessura que se respira, é já ligar as antenas. É talvez perceber a densidade desse fluir, é apalpar subitamente, sentir que elas já não estão mais assim, no ar.

Algumas propostas iniciais:

No *Inversor* utiliza-se o suporte, as características do cartaz. Habitualmente existe uma distância no espaço e no tempo entre o que pode anunciar, apresentar ou mostrar um cartaz e o lugar aonde isso acontecerá. Mas aqui o cartaz, ao invés de anunciar um evento, uma exposição, torna-se ele mesmo este evento.

Se o cartaz não anuncia uma exposição que acontecerá num outro lugar (situação habitual), mas como no caso aqui, a exposição *apresenta-se*, o que aí acontece poderá também ser da ordem da *inversão*. Quer dizer, normalmente partimos do cartaz *para* a exposição (sentido do anúncio). Aqui a exposição vai literalmente *para* o cartaz. A exposição apóia-se e é acionada pela utilização dos códigos e procedimentos do cartaz: reprodutibilidade das imagens, multiplicidade dos lugares de apresentação, meio visual direto de mostrar alguma coisa, a não-necessidade de um suporte específico para ser colocado (sobre um muro ou um poste, a rua ou um interior), etc.

## Itinerário

O cartaz "expõe-se" ele mesmo, mas ele necessita de locais onde "expor-se". Também, ele não é autônomo, no sentido em que nós podemos dizer de um quadro que ele é *autônomo* (noção hoje em dia dificilmente sustentável).

Seria preciso ainda acrescentar a constatação de que o cartaz — se o percebermos nem que seja somente de um ponto de vista formal (sem entrar ainda em considerações

simbólicas ou ideológicas) —, não funciona da mesma maneira, quando ele é colado sobre um muro ao ar livre, ou quando ele é colocado num interior, sobre uma porta.

Então, poderemos perguntar-nos, face à um lugar, seja ele um quarto, uma galeria, ou uma rua: Que espaço os cartazes *pedem* (ou que parte deste espaço) para existir? Que espaço (ou que parte deste espaço) os cartazes necessitam para ativar seu sentido? Coloca-se inversamente a questão do espaço de inscrição como sentido, visto que *O inversor* adere e se incorpora à estes *sítios*.

## Antenas

Desde então, o trabalho vem se realizando não somente em diferentes espaços, ou *entre* diferentes espaços, mas também *entre* pessoas pertencendo a culturas diferentes, línguas diferentes, países diferentes...

## A Viagem

Data: 10, 11 e 12 de dezembro 1993, Estrasburgo, França.

Então. Primeira (in)versão, primeira escala no itinerário: Galerie Finnegans', em Estrasburgo. O nome da galeria, dado pelo dono Thomas Soriano, é uma homenagem à Joyce. Ali serve-se sempre *Guinness* durante as aberturas de exposições.

Apresentação: no meio da sala, uma grande pilha com cartazes em cima de estrutura de madeira, do mesmo tipo das que são usadas nas gráficas para estocar os papéis uma vez que eles são impressos. *Pilha carregada*.

Potencialidades.

Só que contrariamente à situação habitual, durante a apresentação os cartazes foram virados, de maneira que víamos o lado branco, o lado não impresso e posterior destes. Através do primeiro na pilha podíamos perceber as imagens no outro lado do avesso, os traços esmaecidos, incrustados na espessura do papel.

Na parede, um unico cartaz — desta vez enfrentando-nos com sua face mais visível e opaca, aonde o olhar pipoca e se rebate, reflexivo, oscilante —, através de um face à face, provocando o movimento de partida, de verso-re-verso, de saída da pilha, de fluir da corrente. E era tudo...

## Desvios

Temos a impressão de que não existe obrigatoriamente no projeto, *desvio* da função de cartaz. *Desvio*, aqui entendido no mesmo sentido com o qual nós podemos dizer de Duchamp, de que ele *desvia* um objeto cotidiano para fazer com ele um "ready-made" (uma obra de arte), ou no sentido com o qual Wharol *desvia* imagens da publicidade (para transformá-las em pinturas ou quadros).

## No campo

Data: 09 de julho à 18 de setembro 1994.

DANAE.

O lugar é uma pequena e antiga fazenda, transformada em centro de atividades *Transdisciplinares*. Almoçamos no jardim, na grande mesa branca sob as árvores. Ao ar livre as interferências, instalações, proposições, seguem seu rumo. As performances evoluem em meio aos arbustos, e por vezes entram noite adentro, já bem tarde, tendo em vista os horários do verão.

Franceses, italianos, brasileiros, espanhóis, indianos, gregos, poloneses... Danae é um entroncamento de culturas.

Interferimos na fachada externa: quatro cartazes um ao lado do outro, sendo que dois deles foram virados e colados pelo avesso (incomunicáveis).

Limite entre o dentro e o fora, lugar comunicando com a inversão, com o entroncamento dos sentidos.

## O Espaço Móvel

O cartaz é constituído pela reprodutibilidade. O espaço desta reprodutibilidade é múltiplo, plural, móvel. Assim, de um ponto de vista geral, o espaço do cartaz é criado por sua circulação, e pelos sentidos que lhe possam ser atribuídos nas suas diferentes interações, relações, confrontações aos lugares.

Nós podemos ver aparecer um fenómeno de des-localização. Isto se deve ao fato de que o evento está lá sobre o cartaz e numa relação com o local, mas que ele está também alhures em outros cartazes que compõe o projeto. Quer dizer que eles não tem uma só ligação (cartaz-local), mas uma ligação múltipla (cartaz-local-outros cartazes do projeto-outros locais).

## A Ponte

Data: 14 de novembro 1995.

Caros amigos:

(...)Agora sobre o Chile. Bem, aí estive em novembro último para um colóquio em artes plásticas. Na ocasião, havia levado alguns cartazes do **Inversor** comigo, sem nenhum projeto pré-estabelecido ou objetivo fixado, mas para ver simplesmente o que poderia acontecer. Falei disto com duas ou tres pessoas após minha chegada, mas nada se definiu.

Um dia, passando por uma avenida que margea o rio *Mapocho*, rio que atravessa a cidade, e perto do hotel onde estava alojado, percebi uma estranha ponte. Ao aproximar-me, vi que ela não era mais utilizada para este fim, posto que havia sido transformada em um bar ou restaurante. Este por sua vez estava vazio e fechado depois de um certo tempo, tendo em vista os indícios aparentes de desuso. Era estranho porque, mesmo se ela tinha a estrutura de uma ponte, e nós poderíamos assim utilizá-la para ir de um lado ao outro das margens do rio, o fato de estar bloqueada, provocava uma *inversão* em sua função e a torná-la inutilizável: era uma ponte que não o *era*. A ponte era uma *inversão*.

Foi colocado então, um cartaz ao lado da entrada (fechada) da ponte. Foi um *gesto* simbólico, furtivo, discreto, mas que se inscreve dentro do espírito do **Inversor**, no que diz respeito à sua relação com o espaço onde é mostrado. Um gesto, aliás, que adquire

significação, por causa justamente do projeto, e de suas proposições, como um todo. Quer dizer que é sobretudo o projeto que o *esclarece*, que lhe dá sua ressonância, sem portanto eliminar isto que poderia suscitar outras reações e surpresas, tendo em vista uma certa estranheza da presença e da relação do cartaz (suas imagens), com a ponte. Este gesto foi quase como uma garrafa jogada ao mar: poucas pessoas talvez tenham visto o cartaz. Além do mais, tudo foi muito rápido. No dia seguinte ele não estava mais lá. Alguém o retirou, auxiliado pela fragilidade dos meios com os quais havia sido colocado: simples pedaços de fita dupla-face. Fragilidade análoga, quem sabe, ao gesto e ao seu caráter transitório.

Finalmente, quem era essa pessoa? (...)

Bem, vou ficando por aqui.

Abraços

## O Gazômetro

(...e talvez o *inversor* seja uma fumaça saindo ainda, da imensa chaminé emblemática que ergue-se numa cidade do sul...)

Prezado (a) Senhor (a):

Tendo sabido da abertura de inscrição para os espaços de exposição da SMC, vimos através desta apresentar um projeto de intervenção em um espaço que não consta neste edital mas que convém ao nosso projeto iniciado em 1993.

Trata-se do terraço no 4º andar (face ao rio Guaíba) da Usina do Gazômetro. Este trabalho gráfico aqui em anexo (...) visa também um diálogo com os espaços que o acolhem. Os cartazes serão colocados alinhados sobre um suporte em madeira, na parede e sobre a porta que dá acesso ao terraço.

Sendo assim, a intervenção nesse lugar da Usina, pareceu-nos oportuna por mais de uma razão, mas principalmente pelo fato de que este se encontra na parte posterior do prédio, de "costas" para a cidade, reiterando assim esta noção de *inversão* lançada pela proposta gráfica.

Salientamos também que esta seria a quarta apresentação de um projeto que inclui esta mobilidade (...).

Sendo isto pelo momento, e no aguardo de uma resposta favorável, despedimo-nos.

Atenciosamente

## P.S.

Mais do que um objeto, o *Inversor* seria uma *exposição*, e mais do que isso, **um processo de exposição**.